



GUMBRECHT, HANS ULRICH. *SERENIDADE, PRESENÇA E POESIA*. SELEÇÃO E TRADUÇÃO MARIANA LAGE. BELO HORIZONTE: RELICÁRIO EDIÇÕES, 2016.

Wemerson F. Gomes*

* wemersonfelipe10@gmail.com
Doutorando e Mestre em História e Culturas Políticas pela
Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte – MG).
Bolsista Fapemig.

O livro *Serenidade, presença e poesia* é uma coletânea que reúne cinco ensaios do historiador, teórico e crítico literário Hans Ulrich Gumbrecht publicados entre 1998 e 2015. Todos os ensaios orbitam, de forma direta ou indireta, em torno do conceito-matriz “produção de presença” que, construído em articulação crítica e dialética com o conceito de *Gelassenheit*, de Martin Heidegger, ganhou, com o curso dos anos, espaço e complexidade no âmbito do pensamento já diversificado do professor aposentado de Stanford (segundo a breve biografia que consta no livro, Gumbrecht transita, dentre outros campos, pela “filologia, filosofia, literaturas nacionais e aborda temas como experiência estética, esportes e epistemologia cotidiana”). Além dos ensaios, o livro conta com o texto de orelha de João Cezar de Castro Rocha, uma seção introdutória de

Luiz Costa Lima e uma apresentação da tradutora Mariana Lage. Esses elementos paratextuais, cumprem, sobretudo, a função de contextualizar os ensaios, permitindo que o leitor não especialista tenha um acesso significativo às discussões propostas – perspectiva potencializada por uma escrita que, sem perder densidade teórico-metodológica, encontra na ensaística uma forma bastante sofisticada de expressão.

Assim, ainda na nota introdutória, Luiz Costa Lima apresenta um contraponto crítico absolutamente interessante para a leitura subsequente da obra: se Gumbrecht, no primeiro ensaio, intitulado “Ficar quieto por um momento”, esboça uma aproximação com o conceito heideggeriano de *Gelassenheit* (que poderia ser traduzido

como “instante de concentração máxima porém serena” ou como “calma compostura”) como uma tentativa de inverter o polo metodológico da hermenêutica tradicional, i.e., interditar a ânsia em produzir sentido e privilegiar a *presença* – o que resultaria em algo como “ficar quieto por um instante” e “não ter a necessidade de produzir novos conceitos o tempo todo e de transformar a mim mesmo ainda uma vez” (p. 34) –, Costa Lima insiste no risco de que essa proposta se confunda com uma “defesa da apatia, do alheamento ante a realidade presente; com o conservadorismo, em suma” (p. 8). A “nota introdutória” sugere, desse modo, uma problemática que potencializa a leitura dos textos (em especial dos dois primeiros): a vivência estética implicada na “calma compostura” não despojaria a arte de seu conteúdo crítico? O texto de Gumbrecht oferece, por si mesmo, elementos que possibilitam a superação (ou ao menos o aprofundamento crítico) dessa questão.

No segundo ensaio, intitulado “Martin Heidegger e seu interlocutor japonês: a respeito de um limite da metafísica ocidental”, Gumbrecht desenvolve o tema da “produção de sentido” a partir do ensaio “De uma conversa sobre linguagem – entre um japonês e um interrogante”, escrito por Heidegger em 1953-4. Nesse ensaio-diálogo, Heidegger debate com o professor Tezuka (um germanista

japonês que o visitara na Floresta Negra) e, por associação, com o conde Shuzo Kubi (que escreveu um livro em que a arte japonesa é interpretada em termos estéticos), o tema do nada e do vazio na cultura oriental. A partir desse debate, segundo Costa Lima (p. 11), Gumbrecht propõe uma “aproximação entre o nirvana, em sua já notada complexa entropia, e o conceito heideggeriano de duplicidade – simultaneidade não metafísica entre o Ser e ente (*Sein e Seiend*) –, aproximação que implica, nas palavras do ensaísta, ‘a não distinção entre aquilo que está presente e o que está ausente’” (p. 63). Essa simultaneidade entre presença e ausência acaba assumindo, na interpretação de Gumbrecht, traços epifânicos, e é assim que manifestações estéticas como o “gesto”, a “graça” e a “alusão” são interpretadas: “são instâncias nas quais a emergência da incorporação da forma anda de mãos dadas com seu desaparecimento” (p. 66).

No terceiro ensaio, “Como se aproximar da ‘poesia como um modo de atenção’”, o ensaísta parte da pesquisa de Lucy Alford, cujo trabalho ele orientava no doutorado em Stanford, para discutir a “atenção poética” como uma modalidade específica de atenção. Assim, Gumbrecht sugere que a relação entre a tese de Alford – segundo a qual a “atenção [...] não é apenas um pré-requisito ‘natural’ para leitura e apreciação de poesia [...] [mas também é]

um modo de evocar e cultivar o potencial específico da psique humana para aquilo que nos referimos com o conceito de ‘atenção’” (p. 84) – e seus trabalhos anteriores é baseada na “intuição de que ao menos alguns tipos de atenção inter-relacionados com a poesia são similares à atenção associada com feitiços e outras práticas religiosas arcaicas” (p. 87).

No quarto ensaio, intitulado “Presença e plenitude: sobre um traço filosófico na obra de Paul Zumthor”, além do elogio à vida e à obra de Zumthor, recentemente falecido, Gumbrecht, segundo Mariana Lage, demonstra “a influência que o medievalista suíço exerceu sobre seu pensamento mais recente, quando aborda, especialmente, presença, performance, plenitude e a dimensão espacial” (p. 16). Esse ensaio é importante sobretudo no sentido de compreender a gênese de conceitos como o de *presença*, que se desenvolve a partir da percepção de Zumthor de que a poesia medieval reivindicava uma *presença* do corpo e da corporeidade como um elemento constitutivo, essencial ao fazer poético.

No quinto ensaio, “Da hermenêutica edipiana à filosofia da presença (uma fantasia autobiográfica)”, Gumbrecht realiza o que chama de um acerto de contas edipiano com seu orientador Hans Robert Jauss (em alemão, orientador

acadêmico é *Doktorvater* [literalmente “pai doutoral”]) e discute sua relação com Husserl e Heidegger. Em 1971, Gumbrecht se tornou assistente de Jauss na Universidade de Constança e, num movimento que deveria ser de elogio a seu orientador, insiste que “estava convencido de que à ‘estética da recepção’ tinha o potencial de promover uma diferença democrática dentro dos estudos literários, uma diferença que daria nova autoridade e mesmo nova dignidade a interpretações múltiplas que (histórica e sociologicamente) diferentes grupos de leitores atribuíram a textos canônicos e não canônicos” (p. 143). No entanto, segundo Gumbrecht, Jauss não apenas se recusou a demonstrar o mínimo interesse em sua pesquisa, como também o acusou “de transformar ‘textos literários em uma matriz vazia’”; além disso, Jauss ainda o chamou de “a-dialético” e o acusou de “carecer da mais básica compreensão sobre ‘hermenêutica literária’” (p. 144). Essa ruptura brusca com seu orientador o fez sair de Constança; primeiro para Bochum e Siegen, na Alemanha, e depois para Califórnia, onde assumiu uma cadeira na Universidade de Stanford. Gumbrecht discute, assim, o impacto desses percalços na sua trajetória acadêmica, sua relação com a tradição hermenêutica alemã e, ainda, os novos objetos de estudos que foram surgindo no âmbito do seu trabalho intelectual uma vez rompida a linha que

o conectava às perspectivas mais engessadas da “estética da recepção”.

O livro conta no fim com uma entrevista realizada por Maria Lage com o autor entre 2015 e 2016. Algumas perguntas giram em torno de conceitos trabalhados ao longo dos ensaios, como “produção de presença”, “ritmo”, “contingência”, “repetição”; outras sobre os novos desafios acadêmicos na literatura e nas ciências humanas; e algumas sobre os novos trabalhos de Gumbrecht.

De modo geral, o livro é muito bem organizado: tanto a seleção dos ensaios quanto os elementos paratextuais potencializam as discussões e servem não só como um panorama geral do pensamento mais contemporâneo de Gumbrecht, como são, por consequência, uma bela porta de entrada para temas caros a reflexão estética. A escrita ensaística de Gumbrecht ainda ajuda nesse sentido. Embora possa interessar a não especialistas (em função do tipo de escrita e do esforço contextualizador de Mariana Lage), a coletânea traz discussões complexas – como os desdobramentos do conceito heideggeriano de *Gelassenheit* no pensamento de Gumbrecht e as modalidades de “produção de presença” – e, assim, pedem um leitor com alguma vivência no campo. Portanto, o livro é indicado àqueles que se interessam por temas como estética,

experiência estética, arte, filosofia, filosofia da arte, literatura, poesia; e por conceitos como *presença*, “produção de presença”, “graça” e teoria não hermenêutica.

Para um aprofundamento em relação a esses temas, vale conferir a já considerável bibliografia do autor disponível em português, na qual se notabilizam livros como *Modernização dos sentidos* (1998), *Em 1926 – Vivendo no limite do tempo* (1999), *Elogio da beleza atlética* (2007), *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir* (2010), *Nosso amplo presente – O tempo e a cultura contemporânea* (2015), *Depois de 1945: latência como origem do presente* (2014); além dos títulos publicados posteriormente, como *Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual* (2021) e *Prosa do mundo: Denis Diderot e a periferia do iluminismo* (2022).

REFERÊNCIAS

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de 1945**: latência como origem do presente. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo, Ed. Unesp, 2014.

_____. **Elogio da beleza atlética**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____. **Nosso amplo presente** – o tempo e a cultura contemporânea. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

_____. **Os poderes da filologia**: dinâmica de conhecimento textual. Trad. Greicy Pinto Bellin e Claudia Regina Camargo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2021.

_____. **Produção de presença** – o que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, 2010.

_____. **Prosa do mundo**: Denis Diderot e a periferia do iluminismo. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo: Ed. Unesp, 2022.

Recebido em: 08-02-2021

Aceito em: 27-07-2023